Apresentação

No ano em que se completam 60 anos do golpe militar no Brasil e 50 anos da Revolução dos Cravos em Portugal, este dossiê se propõe a um diálogo sobre o papel da música e seus atores sociais nas ditaduras destes países, bem como seus desdobramentos na atualidade, na esteira de outras iniciativas acadêmicas e culturais sobre o tema realizadas em 2024. Somos motivados a refletir sobre o papel da música e dos músicos nestas duas realidades que tinham em comum o uso da repressão e da censura como formas de controlar a esfera cultural e afugentar qualquer risco de insurgência.

Importante recordar que o regime ditatorial em Portugal se configurou em dois momentos: o primeiro, por um golpe militar em 1926 que derrubou o regime liberal republicano dando fim, portanto, à Primeira República; e o segundo, que teve como ponto de partida a aprovação de uma nova constituição por plebiscito nacional, inaugurando, em 1933, o Estado Novo e a era salazarista. Assim, uma ditadura militar cede lugar a uma ditadura constitucionalizada até 25 de abril de 1974, quando se deu a famosa Revolução dos Cravos.

Enquanto isso no Brasil, em 1964, na esteira do anticomunismo que tomou corpo na América Latina após a Revolução Cubana de 1959, militares formados pela Escola Superior de Guerra e sob forte influência dos EUA finalmente deram cabo a um golpe de estado que, na verdade, urdiam desde 1954. A ação acabou tomando a feição de golpe civil-militar dado o forte apoio da elite econômica e setores das classes médias. Durou cerca de 20 anos e revelou-se um golpe contra a política democrática, já que também liberais e até mesmo conservadores foram vitimados por suas práticas de tortura e cerceamento.

Dentre os músicos portugueses, vários nomes estão associados a atividades contra o fascismo do Estado Novo, como é o caso de Zeca Afonso, José Mário Branco, Sérgio Godinho e Fernando Lopes-Graça. Embora transitando em universos estéticos distintos, suas vozes reverberaram o desejo pela liberdade de expressão e, consequentemente, pelo fim das ações antidemocráticas do regime.

No Brasil, o golpe militar de 1964 determinou uma transformação na cena cultural como um todo, e especialmente na música. No campo da canção popular, a Bossa Nova passou a dividir espaço com a canção engajada, tendo nos Festivais da Canção promovidos pela televisão, seu principal meio de transmissão. Nesse contexto, firmou-se uma tentativa de comunicação direta e imediata com a sociedade, não somente através dos textos de caráter político, mas também da dimensão musical que buscava recuperar modelos musicais oriundos da cultura popular brasileira. O Tropicalismo surgiu como uma via

que complexificava as distinções entre nacional e estrangeiro, entre tradição e modernidade e entre arte e entretenimento. Movimento semelhante pode ser observado na música de concerto, em que grupos como Grupo de Compositores da Bahia ou o Grupo Música Nova propunham formas de resistência musical através da composição experimental e de vanguarda. Em diferentes medidas, ambas as esferas musicais foram perseguidas pela ditadura.

Cabe lembrar que na mira dos militares não estava somente a dimensão explicitamente política, mas também comportamental, que levou desde à cassação de professores que propunham música de vanguarda na recém-fundada Universidade de Brasília até às prisões de figuras como Rita Lee, Caetano Veloso e Gilberto Gil, apenas para citar alguns exemplos.

Durante o período em que as ditaduras coexistiram nos dois lados do Atlântico e, especialmente, após o "25 de Abril", músicos brasileiros escreveram canções em que buscavam o diálogo ou a inspiração na situação de Portugal. É o caso de "Os Argonautas" (1969), em que Caetano Veloso, preso e com a perspectiva do exílio iminente, três vezes afirma não avistar o porto; "Tanto Mar" (1975), em que Chico Buarque pede "um cheirinho de alecrim", ou ainda "Um fado" (1977), de Ivan Lins e Vitor Martins, em que os autores fazem referência a mulheres "contando nos dedos os filhos que faltam nas vinhas" e, ao fim, alterando o célebre verso de Pessoa, reivindicam que "Viver é preciso".

As ditaduras já passaram, mas suas marcas continuam presentes nas sociedades portuguesa e brasileira. A partir dessa constatação, este dossiê se destina a uma problematização tanto da presença da música e seus atores sociais ao longo desses períodos, quanto de seus desdobramentos até a atualidade.

O primeiro artigo, *An Immense Portugal: The Fate of Being a Colonial Empire,* de José Fornari, traz uma análise poética e musical da célebre canção "Fado Tropical" (1973) de Chico Buarque e Ruy Guerra à luz de seu contexto histórico e sociocultural, destacando o forte sentimento de niilismo em relação à autonomia política, econômica e cultural brasileira presente na sátira realizada pelos autores.

No artigo *Em cena, A Barraca: teatro, música e experimentações artísticas pós-Revolução dos Cravos,* Kátia Paranhos apresenta momentos-chave da trajetória desse importantíssimo grupo teatral português, abordando também sua relação com o Brasil a partir da figura de Augusto Boal e do Teatro do Oprimido.

Uma curiosíssima história pessoal é o ponto de partida de *Músicas de protesto, fitas cassete e um aparelho em Copacabana,* de Regina McGowan. Uma caixa com dezenas de cópias de fitas K7 com uma mesma *playlist* de canções brasileiras e latinoamericanas de protesto, encontrada no fundo falso do armário de um apartamento em cuja reforma o pai da autora trabalhava, sugere a existência de um "aparelho" naquele local, isto é, um refúgio e centro clandestino de mobilização política. McGowan analisa o repertório da "FITA" à luz desse contexto.

Destacamos a importância da publicação do artigo *Ditadura militar, racismo e apagamento histórico: o caso da Orquestra Afro-Brasileira,* de Felipe Siles de Castro, para a memória desse grupo tão relevante para a nossa música. O autor utiliza, além de outras fontes, um depoimento do cantor Carlos Negreiros para a Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, em que este aborda a relação conflituosa do coletivo com o interventor da ditadura militar brasileira.

A relação com os Estados Unidos e sua cultura no período pré, durante e pós- ditadura militar é abordada a partir da canção *Chiclete com Banana,* de Jackson do Pandeiro, Gordurinha e Almira Castilho, no artigo *Jackson do Pandeiro: Chiclete eu misturo com bananas,* de Deribaldo Santos.

A música de Chico Buarque abre e fecha este dossiê. No ensaio *O tempo rodou num instante: ensaio-travessia nos versos da canção Roda viva, de Chico Buarque de Hollanda,* Alexsander Fleming da Silva e Heleniara Moura entrelaçam fatos, violências e opressões da Ditadura Militar e contemporâneos a partir dos versos dessa icônica composição.

Passadas décadas de tão intensos movimentos de redemocratização, não podemos deixar de ver os imensos desafios que ainda temos no horizonte, nem de sentir o tremor do chão diante das ameaças a essa conquista. Como bem nos lembram Raquel Varela e Robson Villalba no posfácio à *graphic novel UTOPIA,* Ariano Suassuna dizia que, se um otimista é um tolo e um pessimista é um chato, bom mesmo é ser um realista esperançoso.

Desejamos, pois, que esta leitura traga reflexões, revelações, incômodo, mas muita esperança!

Guilhermina Lopes
Fernando de Oliveira Magre
Ana Cláudia de Assis